

**OS
GERAES
DE
MINAS**

SUMÁRIO

G354 Os Geraes de Minas / Belo Horizonte: Instituto Bioterra, 2011.

152 p.: il. (especialmente fotografias)

Publicação oriunda da experiência do Instituto Bioterra na execução do *Conviver* - Programa de Eficiência Energética da Cemig Distribuição voltado para comunidades de baixa renda - em municípios localizados nas regiões do Jequitinhonha, Norte e Noroeste de Minas Gerais

ISBN 978-85-XXXXXXX

1. Energia elétrica - Minas Gerais - História. 2. Energia elétrica - Consumo sustentável. 3. Energia elétrica - Educação familiar. 4. Vale do Jequitinhonha - Minas Gerais - História. 5. Região Norte - Minas Gerais - História. 6. Região Noroeste - Minas Gerais - História. I. Instituto Bioterra

CDD: 621.31

CDU: 621.31

Bibliotecária responsável: Alessandra Rodrigues da Silva, CRB6 - 2459

Informação bibliográfica deste livro, conforme a NBR 6023:2002 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT):

OS GERAES de Minas. Belo Horizonte: Instituto Bioterra, 2011. 152p.

05 — Apresentação

07 — As Minas e os Geraes

53 — Os Caminhos do Conviver

135 — Energia do Bem

146 — Fontes de Consulta

148 — Equipe



O Instituto Bioterra atua no desenvolvimento de programas sustentáveis de geração e conservação de insumos energéticos. O uso consciente da energia, associado à utilização de novas tecnologias que resultem em equipamentos e processos mais eficientes, é condição indispensável para a preservação da qualidade de vida das gerações futuras.

Dentro dessa perspectiva, o Instituto Bioterra apresenta o livro *Os Geraes de Minas*, registro da nossa experiência na execução do *Conviver* – Programa de Eficiência Energética da Cemig Distribuição voltado para comunidades de baixa renda – em municípios localizados nas regiões do Jequitinhonha, Norte e Noroeste de Minas Gerais.

Adaptar-se às condições locais, compartilhar o espaço e interagir com as comunidades visitadas foram algumas das experiências vivenciadas pelo Instituto Bioterra ao longo do projeto. O mosaico cultural e as diferentes realidades dos municípios atendidos revelam as distâncias geográficas, sociais e culturais que precisam ser percorridas para que se passe da proposta à ação, do planejado ao executado.

A convivência com a comunidade concretizou-se nas relações de vizinhança e em encontros diversos, tais como as palestras nas escolas e os postos de troca de lâmpadas e geladeiras nas praças públicas. Entretanto, as casas dos moradores dessas regiões foram o principal local de atuação do projeto, onde as carências econômicas e a riqueza sociocultural se apresentaram com todas as suas facetas.

As imagens capturadas pela equipe de campo nos caminhos percorridos durante o *Conviver* são a parte principal deste livro. Elas apresentam parte da realidade vivenciada tanto por aqueles que executaram o projeto quanto por seus beneficiários. Deixemos, então, que as fotografias contem um pouco dessa história.



AS MINAS E OS GERAES

Nas montanhas, junto às catas das minas. Na planície, junto às terras sem fim, do pastoreio (Simeão Ribeiro Pires, 1978)

O estado de Minas Gerais foi forjado no sertão e não se mostrou dócil à colonização. Suas terras distantes, difíceis e incertas, lugar de índios guerreiros e de adversidades naturais, se contrastavam ao litoral por onde os portugueses navegavam.

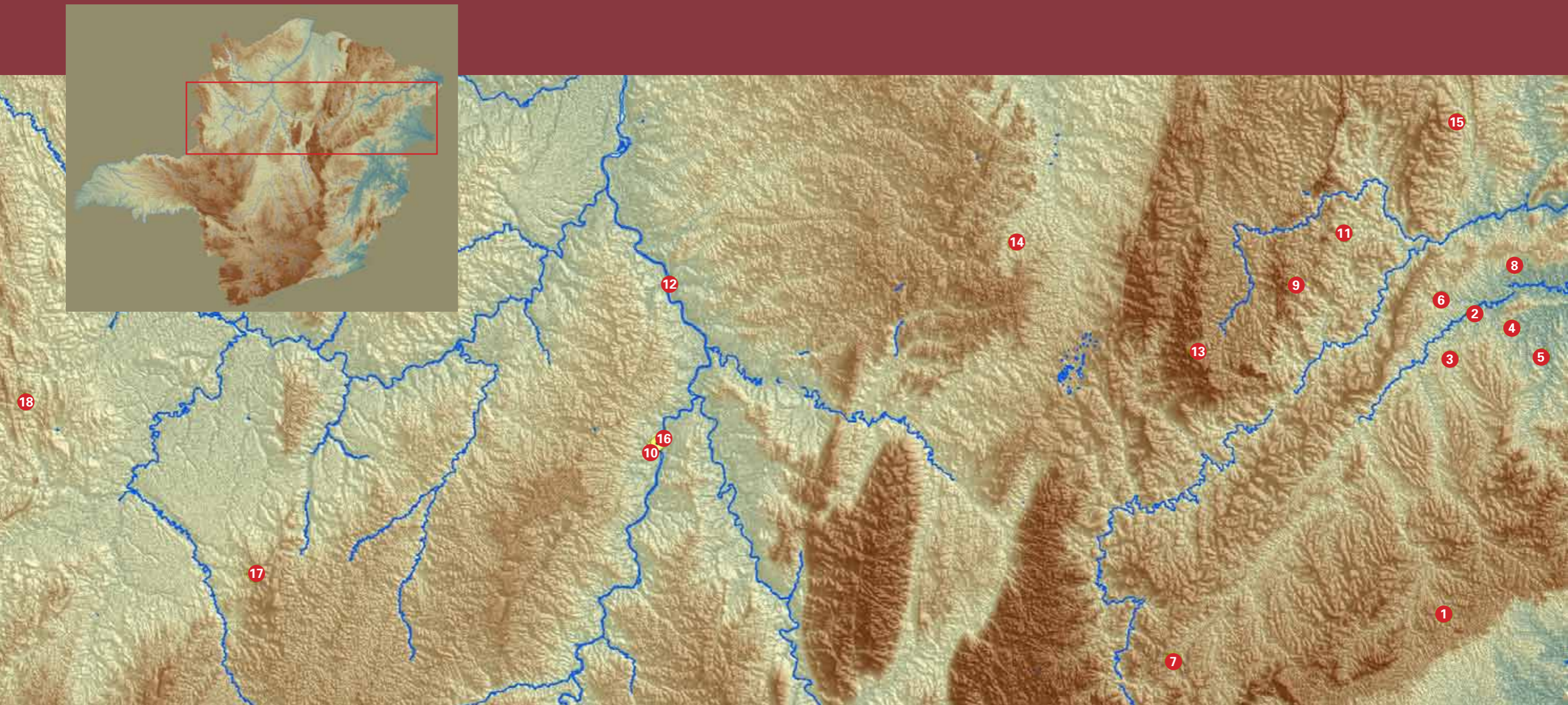
Tais dificuldades não impediram as inúmeras expedições de conquista que aqui chegaram. Tanto as que desceram da Bahia como as que subiram de São Paulo acabaram por descobrir ouro no leito do Rio das Velhas. Assim nasceram cidades como Vila Rica, Mariana, Sabará e Vila Nova da Rainha (atual Caeté), que empurraram o sertão para o norte do estado.

O sertão ao norte das Minas acabou por ser ocupado entre meados do século XVI e fins do século XVIII, tendo esse processo se iniciado com a expedição de Espinosa e Navarro e culminado com a fixação dos currais de gado de Matias Cardoso e dos Figueiras, que estabeleceram uma realidade distinta em relação às minas que então se exploravam.

Tal processo de ocupação faz com que Minas Gerais apresente, ainda hoje, o contraste entre duas realidades distintas. De um lado temos as Minas, região central do Estado, que exibe em sua paisagem montanhas e a Mata Atlântica, e que floresceu com a exploração aurífera do século XVIII. De outro lado, os Geraes, representados pelo sertão, com suas chapadas e campos cobertos pelo cerrado, e pelos currais de criação extensiva de gado.

Essas atividades econômicas influenciaram tanto a apropriação do solo quanto a formação dos grupos sociais. Enquanto nas Minas houve um grande afluxo de pessoas e as terras mudavam de mãos em ritmo acelerado, os Geraes foram marcados por uma ocupação esparsa, rarefeita, de domínios duradouros, ficando as terras concentradas nas mãos das famílias e dos amigos dos bandeirantes.

As diferentes regiões de Minas Gerais são, assim, marcadas por profundos contrastes geográficos, históricos, econômicos e socioculturais. Essa diversidade se reflete nos municípios atendidos pelo Instituto Bio-terra que, distribuídos em três mesorregiões do estado – Jequitinhonha, Norte e Noroeste de Minas –, nos apresentam uma pequena amostra da multiplicidade de cenários que se estendem entre as Minas e os Geraes.



01 ARACANDUVA	pág. 08
02 BERILO	pág. 10
03 CHAPADA DO NORTE	pág. 12
04 FRANCISCO BADARÓ	pág. 14
05 JENIPAPO DE MINAS	pág. 16
06 JOSÉ GONÇALVES DE MINAS	pág. 18
07 SÃO GONÇALO DO RIO PRETO	pág. 20
08 VIRGEM DA LAPA	pág. 22
09 BOTUMIRIM	pág. 26

10 BURITIZEIRO	pág. 28
11 CRISTÁLIA	pág. 30
12 IBIAÍ	pág. 32
13 ITACAMBIRA	pág. 34
14 MONTES CLAROS	pág. 36
15 PADRE CARVALHO	pág. 38
16 PIRAPORA	pág. 40
17 JOÃO PINHEIRO	pág. 44
18 PARACATU	pág. 46



O VALE DO JEQUITINHONHA Antes da colonização portuguesa, o vale do Rio Jequitinhonha era ocupado por grupos indígenas dentre os quais se destacavam os Aimorés e os Botocudos. O nome Jequitinhonha origina-se da prática dos botocudos de manter no rio armadilhas confeccionadas em bambu, chamadas de *jequi*, para a pesca de peixes, *onha*. A Entrada de Espinosa e Navarro chegou ao Vale do Jequitinhonha em meados do século XVI em busca de pedras e metais preciosos. Em 1573, ao seguir um dos principais afluentes do Jequitinhonha, o Rio Araçuaí, o bandeirante Sebastião Fernandes Tourinho encontrou pedras preciosas como turmalina, topázio e berilo, entre outras. Já a Bandeira de Fernão Dias Pais, de 1674, que passou seis anos vagueando no sertão mineiro em busca de esmeraldas, abriu caminhos e plantou roças às margens do Jequitinhonha que foram de grande serventia para bandeiras futuras.

No entanto, a existência da Mata Atlântica, a ausência de rios perenes, os conflitos com os indígenas e a precariedade das comunicações foram alguns dos inúmeros obstáculos à

ocupação da região, que se consolidou somente no início do século XVIII, quando foram descobertos diamantes no Arraial do Tijuco – atual cidade de Diamantina.

Enquanto as áreas de mineração de Diamantina e Minas Novas, no Alto Jequitinhonha, atraíram a atenção desde a época colonial, o Médio Jequitinhonha permaneceu isolado, sem estradas, comunicando-se internamente por transporte fluvial, cavalo de sela, tropa de burros ou carro de bois.

O Jequitinhonha não é um, mas vários. Em sua parte ocidental, próximo à Serra do Espinhaço, há chapadas, terras altas e planas, com predominância do cerrado, entrecortadas por córregos e rios que formam grotas. Na parte oriental, as terras são mais baixas, a temperatura mais alta e a vegetação apresenta características de transição entre o cerrado e a caatinga. A miscigenação entre o negro, o índio e o branco é visível no artesanato, na arte popular, na música, na literatura e na dramaturgia, destacando-se a clara influência indígena – especialmente dos botocudos – na cerâmica.

01

ARICANDUVA Sua formação remonta a 1892, quando D. Maria Luisa de Mendonça, proprietária de uma fazenda às margens do Rio São Lourenço, doou ao padre João Afonso Pires dois alqueires de terra para que neles fossem construídos a Capela de Nossa Senhora do Livramento e o Cemitério de São Miguel.

Relatos dos habitantes mais velhos indicam que o nome Aricanduva está ligado à Aricanga, árvore comum da região, que significa palmeira doce em Tupi-Guarani. Mas o município já foi conhecido como “Pita-e-bebe”, expressão alusiva às pessoas que passavam todo o tempo bebendo e pitando em uma venda do lugar.

Entre as festas típicas do município estão a Cavahada, ou Festa das Argolinhas, que se realiza em 7 de setembro, e a Festa do Peão Boiadeiro, na primeira semana de julho. Aricanduva possui três bens tombados pelo município: o conjunto arquitetônico e paisagístico da Praça da Matriz e da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Livramento, a Casa Paroquial e o Cemitério Municipal.



02

BERILO Antes conhecido como o arraial de Nossa Senhora da Conceição da Água Suja, devido à confluência do Rio Araçuaí – usado pela mineração – com o Córrego Água Suja, o município de Berilo foi fundado por volta de 1730. Seu nome se origina do grego *beryllos*, e remete às gemas verdes encontradas na região.

No final da década de 1920, uma grande cheia do Rio Araçuaí destruiu parte da cidade, fazendo com que o centro comercial e residencial fosse transferido para locais mais elevados. Das importantes construções que margeavam o rio, datadas da época da exploração do ouro, restaram apenas a Capela de Nossa Senhora do Rosário e duas casas, sendo uma delas o sobrado do inconfidente Domingos de Abreu Vieira, tombado como patrimônio cultural estadual.

Atualmente, o município abriga oito comunidades quilombolas, remanescentes dos escravos fugidos que ali se instalaram: Água Limpa de Baixo, Água Limpa de Cima, Alto Caititu, Caititu do Meio, Mocó dos Pretos Muniz, Quilombolas e Vila Santo Isidoro.



03

CHAPADA DO NORTE A ocupação do território que hoje corresponde ao município de Chapada do Norte iniciou-se no século XVIII, com a Bandeira de Sebastião Leme do Prado. Com a descoberta de ouro na margem direita do rio Capivari, fundou-se o Arraial de Santa Cruz da Chapada, que atraiu boa parte da população local. Com o declínio do ouro, os moradores de Chapada tornaram-se migrantes temporários para o café e outras lavouras, sendo conhecidos como “chapadeiros”.

O município possui duas comunidades quilombolas reconhecidas: Gravatá e Moça Santa. Mas a herança da cultura negra, marcante no município, não decorre apenas dos escravos que viveram nos quilombos, pois a região abrigou também muitos negros alforriados, que permaneceram nas terras de seus antigos senhores. Entre as manifestações artísticas do município, frutos da influência negra, estão a catira, o curiango, o congado, a dança do nove, a roda morena e os tamborzeiros.

Destacam-se ainda no município o Caminho dos Escravos – que leva às Lavras do Batatal, ponto de mineração do ouro – e as praias às margens do Rio Araçuaí, bem como a Capela de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.



04

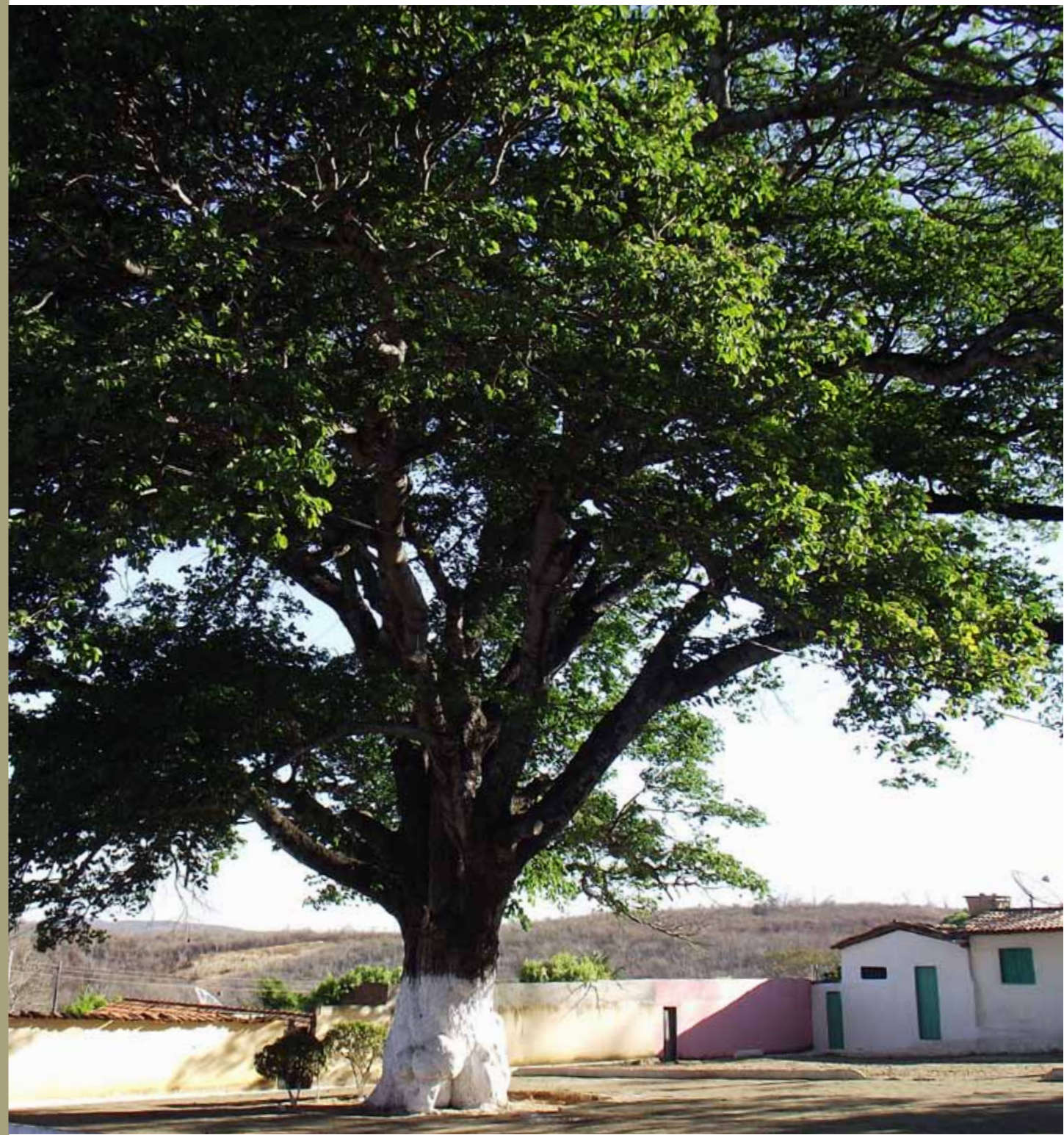
FRANCISCO BADARÓ As origens do atual município estão ligadas às expedições que, em meados do século XVIII, partiram em busca de ouro na região.

Atanásio Couto e Antônio de Farias foram os primeiros a explorar ouro nas margens do Córrego do Sucuriú, em 1729, e nesse local foi construído o Sobrado de Farias, de onde se estendeu o núcleo populacional que povoou o Arraial Velho.

O nome atual da cidade rende homenagem ao político Francisco Badaró, de Minas Novas, que negociou a criação do município.

Em seus domínios fica a Chapada dos Pequizeiros, uma Área de Proteção Ambiental que mantém preservadas espécies vegetais e animais do cerrado, além de abrigar a nascente do Córrego Água Limpa.

Francisco Badaró destaca-se ainda por seu artesanato em algodão, madeira e palha, e pela tradicional Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Sucuriú, realizada sempre no penúltimo final de semana de julho, quando grupos folclóricos e bandas diversas animam a cidade durante três noites.



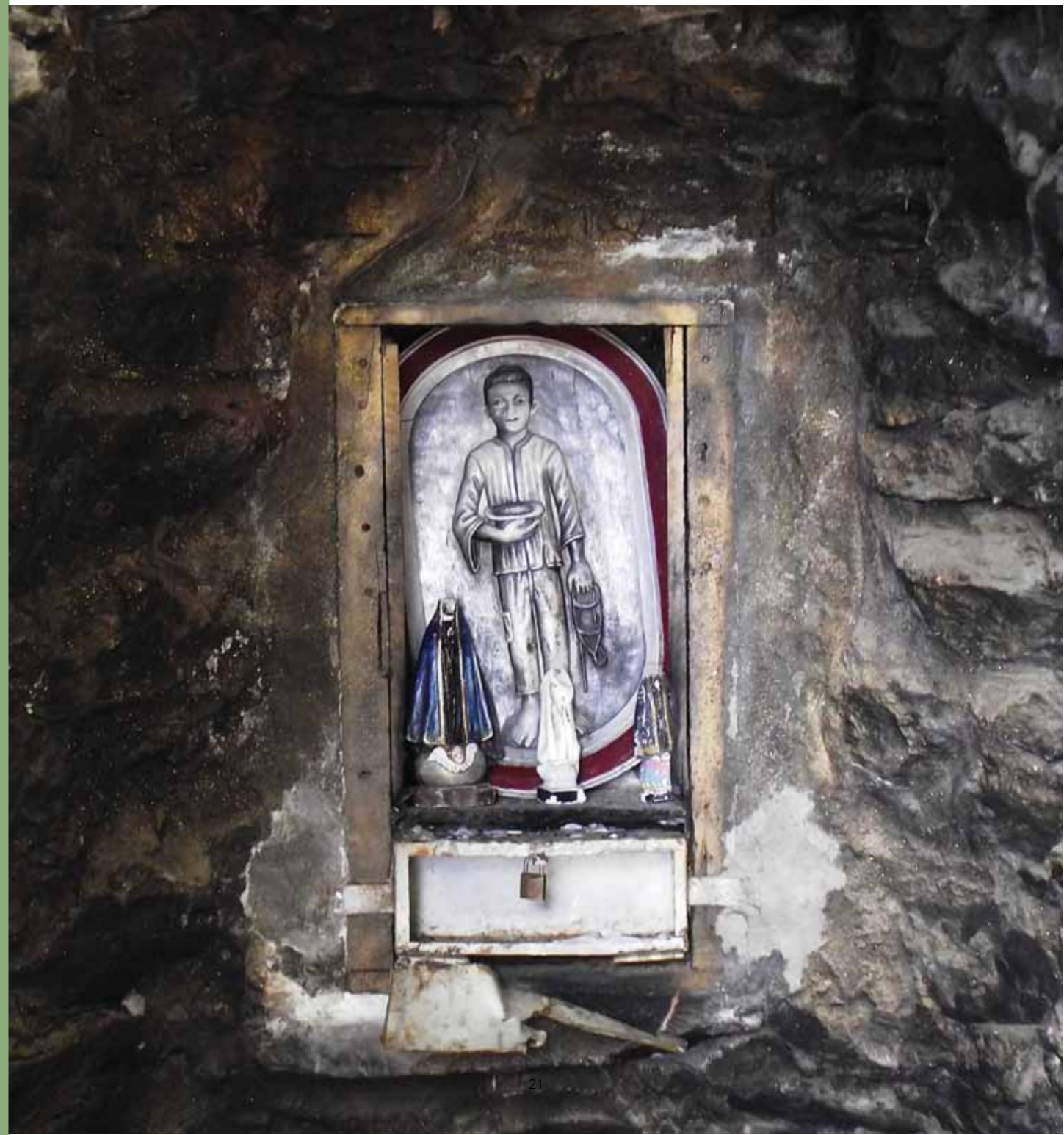
05

JENIPAPO DE MINAS Jenipapo de Minas se originou com a peregrinação a um antigo cemitério, localizado na margem esquerda do Rio Setúbal, onde teria sido enterrado Joaquim Maria Mocara, o Pai Joaquim, um escravo que foi maltratado por seu senhor até a morte, tornando-se um mártir. Em seu túmulo foi construída a Gruta do Pai Joaquim, visitada por inúmeros peregrinos em busca da realização de seus pedidos.

Próxima ao cemitério está a Capela de São Sebastião, erigida em 1930, ao redor da qual se expandiu a Vila de Jenipapo, que recebeu esse nome devido à grande quantidade de jenipapeiros existente na região.

Como forma de evitar que as raízes da cultura local se percam através dos tempos, todo mês de maio se realiza no município a Festa Popular de Pai Joaquim.

A cidade também celebra a Festa de Nossa Senhora da Conceição, em setembro, e a Festa de São Sebastião, em janeiro.



06

JOSÉ GONÇALVES DE MINAS Em 1850, Santos Nunes Teixeira, também conhecido como Santos Pombo, fixou moradia nas margens de um córrego. Lá, plantou milho e construiu duas gangorras movidas a água para pilar o milho e produzir fubá, que era trocado por sal, açúcar e outros alimentos.

A partir daí se fixaram os primeiros moradores, e tanto o ribeirão como o povoado tornaram-se conhecidos como Gangorras. Tempos depois, o nome do local foi alterado para homenagear a José Gonçalves da Mota, farmacêutico e político local.

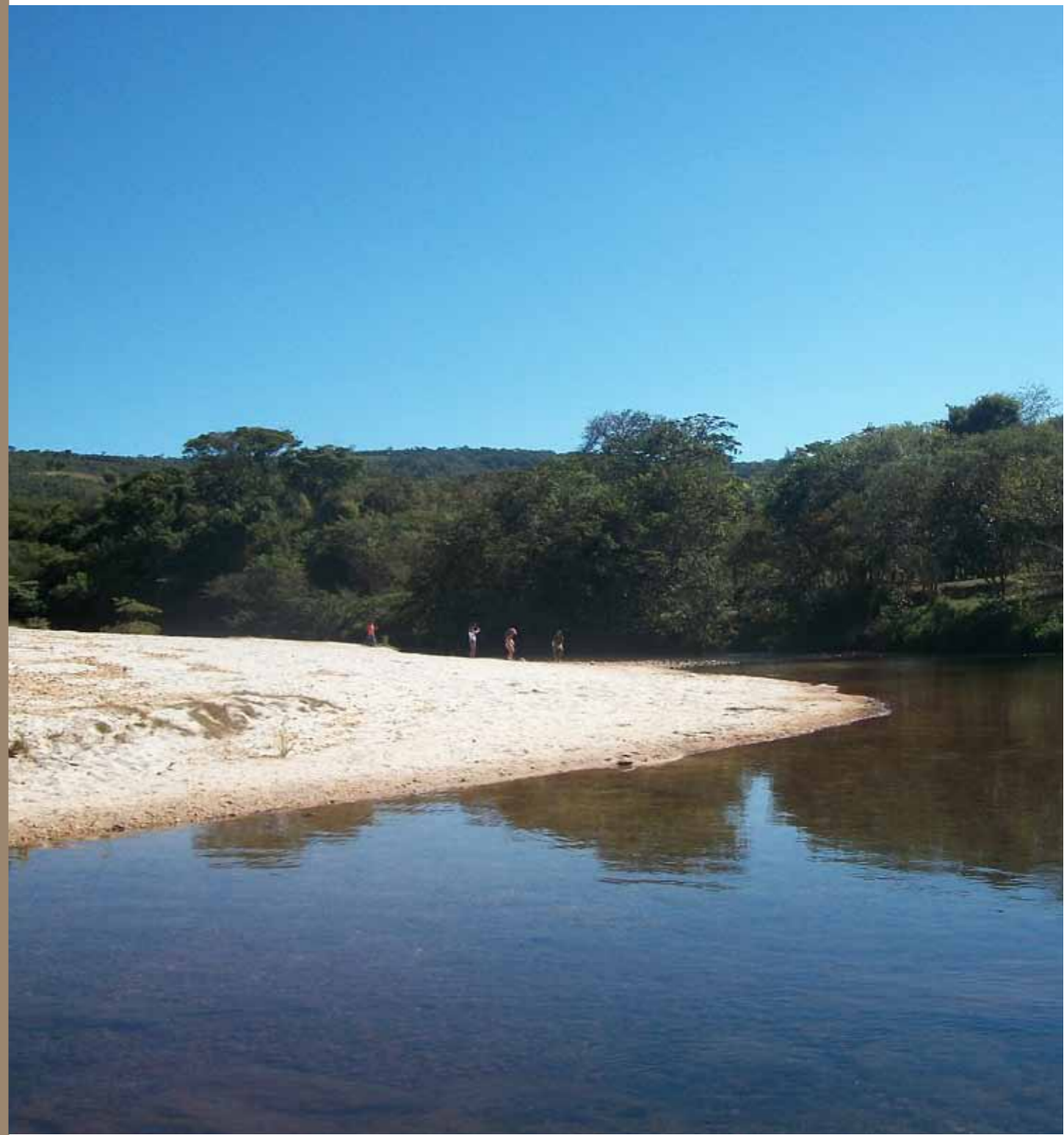
Através de bens que representam traços da história e da identidade marcante do município, o patrimônio cultural de José Gonçalves de Minas é identificado por construções como a sede da Fazenda das Gangorras e as igrejas de Sobrado, São Roberto e Santana.

Dentre as diversas manifestações culturais da cidade, destaca-se a Festa de São Sebastião, celebrada anualmente no mês de outubro.



07

SÃO GONÇALO DO RIO PRETO No século XVIII, o atual município de São Gonçalo do Rio Preto foi um importante local de passagem para a Serra das Abóboras e, principalmente, para a Serra de Santo Antônio do Itacambiruçu, locais onde se havia descoberto diamantes. Aliado ao grande deslocamento populacional favorecido pela mineração, outro motivo que fez com que a região crescesse foram suas terras férteis, que possibilitaram o desenvolvimento da agricultura local. A cidade – cujo nome é uma homenagem ao seu padroeiro, São Gonçalo, e ao Rio Preto, que margeia seu território – abriga também o Parque Estadual do Rio Preto, onde diversas nascentes e recursos hídricos privilegiados oferecem aos frequentadores cachoeiras, piscinas naturais, corredeiras, sumidouros, cânions e praias fluviais de areias brancas. Merecem especial destaque as cachoeiras do Crioulo e da Sempre Viva, as pinturas rupestres e os mirantes naturais, que permitem aos visitantes contemplar a área do parque e seus arredores.



08

VIRGEM DA LAPA Conhecida como “a princesinha do Vale”, Virgem da Lapa foi fundada em 1729, quando o português Antônio Pereira dos Santos recebeu uma sesmaria entre os rios Araçuaí e Jequitinhonha. A partir daí, um pequeno povoado começou a se estender nas cercanias da fazenda do português, que mantinha como atividades a criação de gado e o plantio.

O nome da cidade é uma homenagem à padroeira local, Nossa Senhora da Lapa, cuja imagem de madeira, em estilo barroco, foi encontrada próxima a uma gruta, na qual se construiu uma capela e, posteriormente, um santuário. Segundo uma lenda local, o templo foi erguido ali porque a imagem de Nossa Senhora da Lapa, quando descoberta e levada para a Igreja Matriz, teimava em voltar para a gruta.

É em sua homenagem que, nos meses de agosto de cada ano, a cidade comemora a tradicional festa de Nossa Senhora da Lapa, que atrai milhares de pessoas para o município.





O NORTE DE MINAS Apesar de a Entrada de Espinosa e Navarro, após sua passagem pelo Rio Jequitinhonha, ter seguido até o Rio São Francisco, foi somente com a Bandeira de Matias Cardoso de Almeida que o Norte de Minas começou a ser ocupado, por volta de 1690.

A região foi dividida entre os expedicionários de Matias Cardoso e seus parentes, que receberam a doação de sesmarias e ali iniciaram fazendas de gado ainda nos primeiros anos do século XVIII.

Essas fazendas tornaram-se entrepostos essenciais para o abastecimento das minas: nelas se comercializava milho, feijão, carne seca, rapadura e farinha, tanto produzidos localmente quanto vindos da Bahia. Sua posição, às margens do Rio São Francisco, facilitou o escoamento da produção e o transporte de pessoas.

A principal atividade era a pecuária, pois a salinidade do solo era favorável ao gado e prejudicial ao plantio. A criação extensiva de gado era praticada pelos vaqueiros, figuras típicas da região. Os Currais da Bahia, como eram conhecidas as fazendas, foram as raízes da ocupação e da fundação dos arraiais do Norte de Minas.

Além disso, a caça e a pesca foram também muito exploradas para a alimentação, e o barro retirado de áreas alagadas servia para a construção de casas e utensílios domésticos. Essas atividades foram essenciais para a ocupação permanente da região.

A dificuldade de acesso e o desconhecimento do sertão facilitaram a formação de várias comunidades de negros fugidos da escravidão, de modo que, das cerca de 400 comunidades quilombolas existentes em Minas Gerais na atualidade, a maior parte delas se concentra no norte e no nordeste do estado.

09

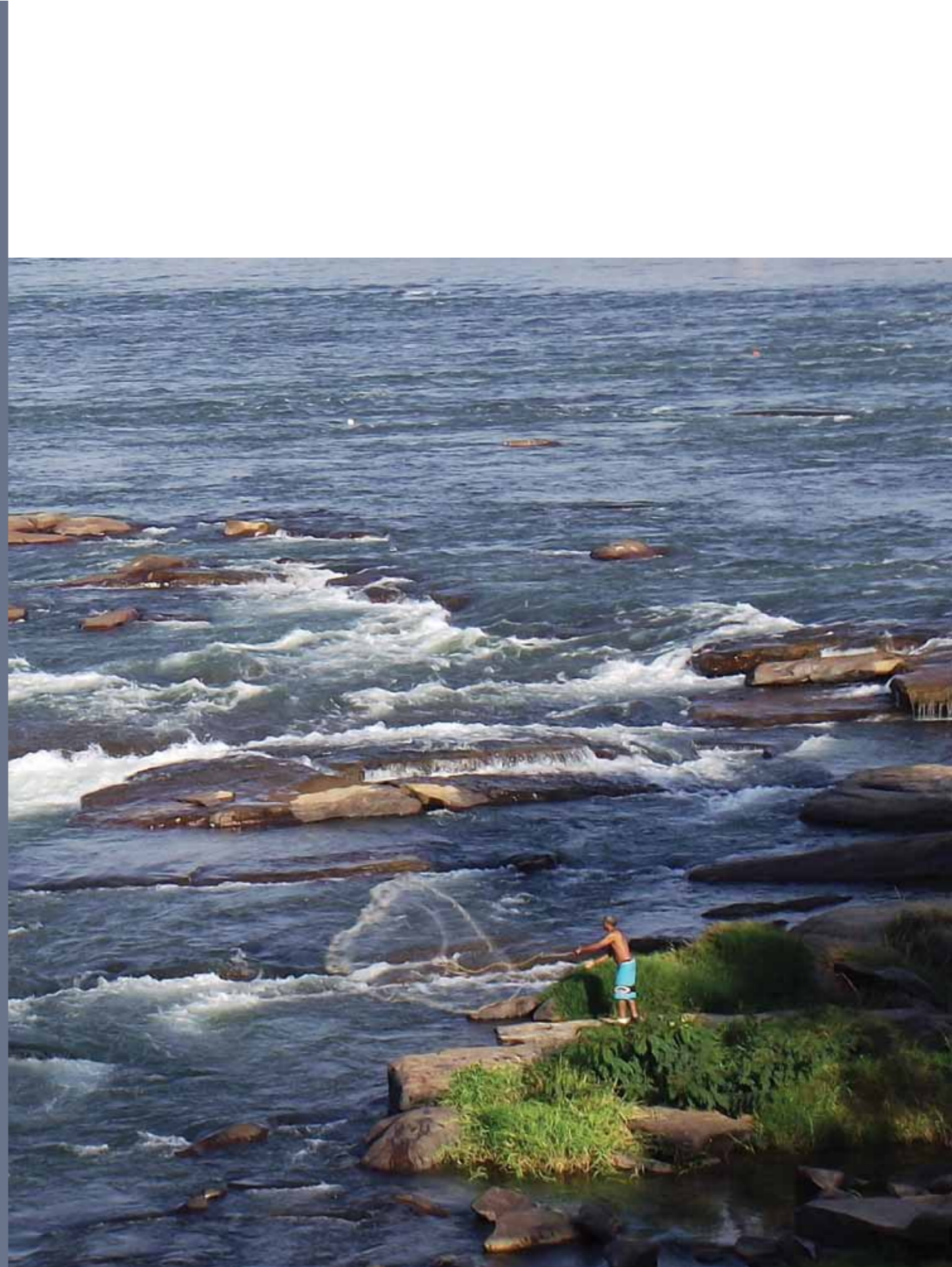
BOTUMIRIM Embora não existam registros precisos de datas referentes aos primeiros moradores da região, sabe-se que o núcleo populacional que deu origem ao município era chamado de Serrinha. Botumirim significa Serra Pequena, mantendo a intenção do nome original. Localizada no alto da Serra Geral, devido ao solo fértil que viabilizava o cultivo de lavouras diversas, a cidade se desenvolveu mesmo depois que escasseou a extração mineral.

As belezas naturais de Botumirim são muitas: serras, campinas, cachoeiras, trilhas para caminhadas e cavalgadas, além de uma rica flora composta por orquídeas, bromélias e sempre-vivas. A Cachoeira de Quatro Oitavas, com aproximadamente 75 metros de altura, é indicada para prática de rapel. A cidade conta, ainda, com doze sítios arqueológicos e diversas pinturas rupestres.



10

BURITIZEIRO Na década de 1670, a Bandeira de Soeiros e Salmeron chegou à região através do Rio São Francisco, atraída pela possibilidade de exercer a mineração, a caça e a pesca. As pastagens disponíveis proporcionavam, também, boas condições para a criação de gado. Surgia, assim, do lado direito do rio, a ocupação correspondente a Pirapora e, do lado esquerdo, Buritizeiro. Antes chamada de São Francisco de Pirapora, a cidade teve o nome mudado para Buritizeiro devido à grande quantidade dessa palmeira no local. O município possui diversos atrativos naturais, como as corredeiras do Rio São Francisco, várias quedas d'Água e cachoeiras, além de frutos do cerrado em abundância, como o pequi, o umbu e o tamarindo. Outro atrativo da cidade é o Sítio Caixa d'água, um importante sítio arqueológico descoberto em 1975, de onde foram retirados 45 esqueletos adultos, com idade entre 5 mil e 8 mil anos, que estão ajudando os pesquisadores a compreender a ocupação humana nas Américas.



11

CRISTÁLIA Foram as incursões do bandeirante Fernão Dias em busca de esmeraldas, as lendárias “pedras verdeongas”, que atraíram a atenção dos garimpeiros que se fixaram no local, às margens de um córrego, onde encontraram grande variedade de pedras, como diamantes, cristais, berilos e turmalinas.

Em meados do século XVIII, o arraial que aí se havia formado recebeu o nome de Extrema dos Arrudas, em homenagem a uma família que se estabeleceu no sopé da Serra do Bateeiro (ou Serra Geral).

Além das pedras preciosas, que ainda hoje podem ser encontradas no local, Cristália tem vários atrativos naturais, como a Cachoeira do Córrego Contendas, com águas transparentes e areia branca, e a Gruta do Bugre, com suas pinturas rupestres.

Destaca-se também o passeio ao Morro do Chapéu, que permite uma visão panorâmica de toda a região.



12

IBIAÍ Ibiaí, que em Tupi significa “rio do planalto”, se originou do crescimento do povoado de Nossa Senhora da Conceição de Extrema, fundado no século XVIII pela expedição de Padre Pizarro, que percorreu as margens do Rio São Francisco em busca de ouro, pedras e terras cultiváveis.

Tempos depois, a estrada de ferro que ligava Corinto a Montes Claros estimulou a movimentação de mercadorias e o comércio da região, que tinha também na navegação pelo Rio São Francisco uma importante alternativa de transporte.

O “Velho Chico” é, pois, fundamental para a cidade, destacando-se ainda as praias às suas margens, cenário das festas populares do município como a Vaquejada de Bom Jesus da Vereda, em maio, e a Festa Junina, em junho.



13

ITACAMBIRA O povoado de Santo Antônio do Gorutuba, atual Itacambira – “pedra pontuda que sai do mato”, em Tupi-Guarani –, foi fundado em 1698, com a Bandeira do Capitão Miguel Domingues, e se desenvolveu graças à presença de Fernão Dias Paes, que utilizou a região para armazenar provisões e pousar suas tropas, e à exploração mineral. Além da variada vegetação, com ocorrências de cerrado, caatinga e matas de galeria, Itacambira oferece outros atrativos naturais, como as praias ao longo dos rios Preto e Itacambiraçu e o conjunto paisagístico da Serra Resplandecente, cuja formação rochosa, ao entardecer, reflete os raios do sol e deslumbra o visitante com um brilho específico. Outra atração da cidade é a Matriz de Santo Antônio, com quase 300 anos, tombada como patrimônio histórico de Minas Gerais.



14

MONTES CLAROS A história de Montes Claros começou em 1707, quando Antônio Gonçalves Figueira, expedicionário da Bandeira de Matias Cardoso, recebeu uma sesmaria às margens do Rio Verde Grande. Nesse lugar, próximo de montes calcários que, por não terem cobertura vegetal, ficavam sempre claros, ele fundou a fazenda Montes Claros.

Em 1769, a fazenda foi adquirida pelo alferes José Lopes de Carvalho, e nela foram construídas uma nova sede e uma capela. Com o crescimento da região, foi fundado o Arraial de Nossa Senhora da Conceição e São José das Formigas, que em 1831 foi elevado à condição de vila, chamando-se Vila de Montes Claros de Formigas. Em 1857, a vila tornou-se uma cidade: Montes Claros.

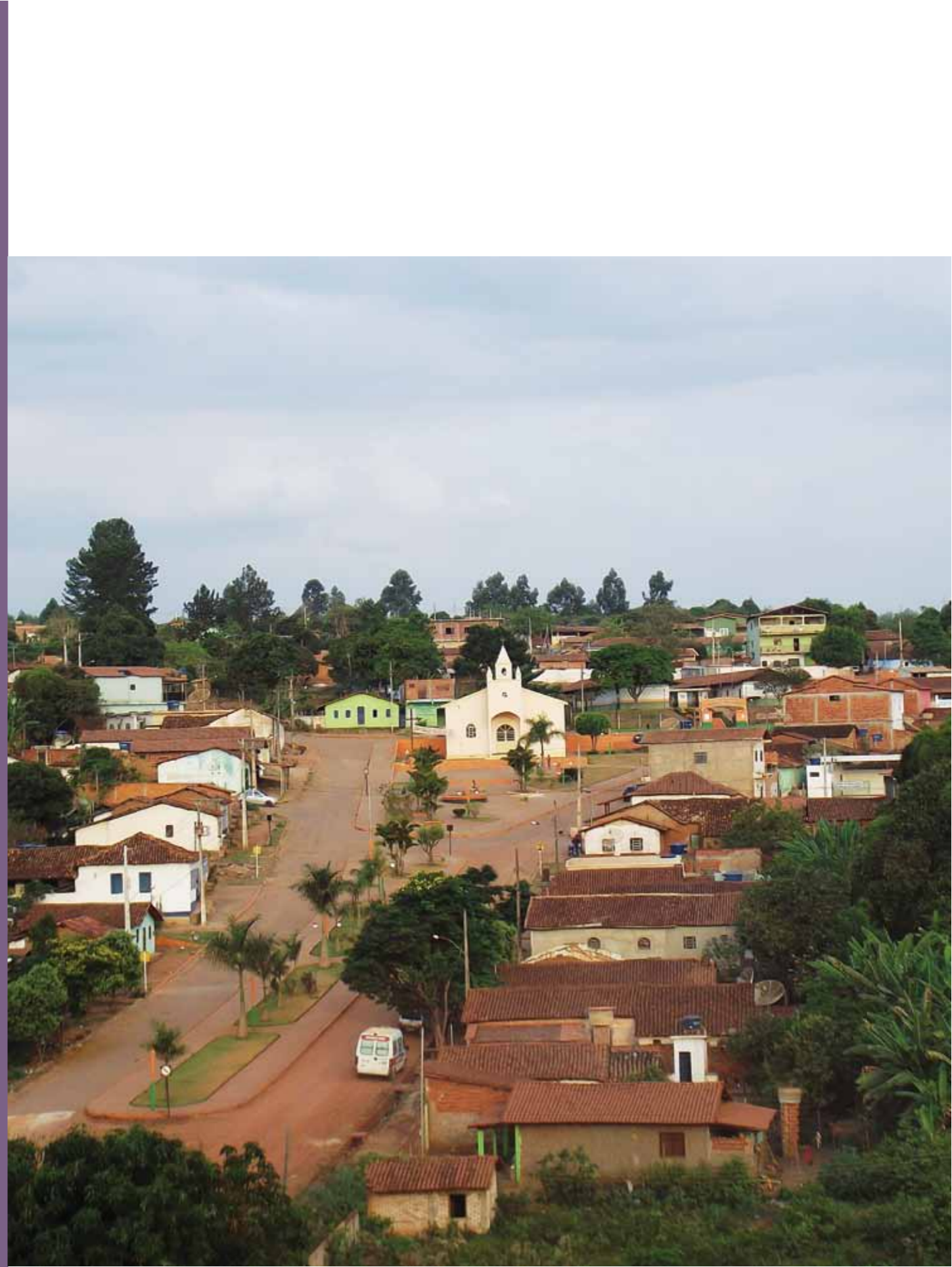
Eventos como as exposições agropecuárias, o Festival do Pequi e a Festa de Agosto, com seus grupos de Reinado e Congado, com cantigas de roda e outras manifestações populares, valorizam a cultura local.

Outro atrativo é o Parque Estadual Lapa Grande, patrimônio natural e arqueológico com cerca de 60 grutas de especial valor espeleológico, com destaque para a Gruta da Lapa Grande.



15

PADRE CARVALHO No princípio do século XX, Padre Carvalho era apenas um povoado, conhecido como Capim Pubo pela grande incidência dessa vegetação nas redondezas. Em 1996, o povoado foi elevado à categoria de distrito do município de Grão Mogol, tendo seu nome modificado para o atual em homenagem ao religioso católico que celebrou a primeira missa no local. Padre Carvalho oferece, como atrativos culturais, algumas manifestações populares: a Folia de Reis, a celebração do dia de São João e a Festa Nacional da Mandioca, que chega a atrair cerca de vinte mil pessoas a cada edição.



16

PIRAPORA No século XVII, as terras da região foram palco de conflitos entre os bandeirantes, que por lá passaram, com os índios Cariris, residentes do local. O nome Pirapora se origina da junção de duas palavras do Tupi: *pirá* (peixe) e *poré* (salto).

Em 1852, Dom Pedro II solicitou pesquisas para estudar a viabilidade de navegação a vapor do Rio São Francisco. Em 1887, o vapor Saldanha Marinho passou a transportar tecidos e borracha vegetal de Pirapora a Juazeiro (Bahia) e, na volta, a trazer algodão e ramas, que serviam como matéria-prima para a indústria têxtil.

Durante algumas décadas, a importância econômica de Pirapora esteve vinculada ao entroncamento do transporte intermodal entre as linhas ferroviárias e a navegação para Pernambuco e Bahia.

Grande atrativo do município, o vapor Benjamin Guimarães foi tombado como patrimônio pelo Estado e realiza, atualmente, belíssimos passeios turísticos.





NOROESTE DE MINAS Antes ocupado por tribos indígenas de ramificações da nação Tupi, o Noroeste de Minas começou a ser povoado tardiamente, entre fins do século XVII e início do século XVIII. Embora haja indícios de ocupação da região entre 1690 e 1710, a formação dos povoados é reconhecida apenas a partir de 1733, com as expedições dos bandeirantes Felisberto Caldeira Brant, vinda de Goiás, e de José Rodrigues Fróis, vinda da Bahia, e com a descoberta de ouro em Paracatu, em 1744. A região foi alvo de disputas entre Pernambuco e São Paulo. Reivindicada pelo Governador da Capitania de Minas, o Conde de Assumar, em 1721 foi transferida de Pernambuco para a Comarca do Rio das Velhas, em Minas Gerais.

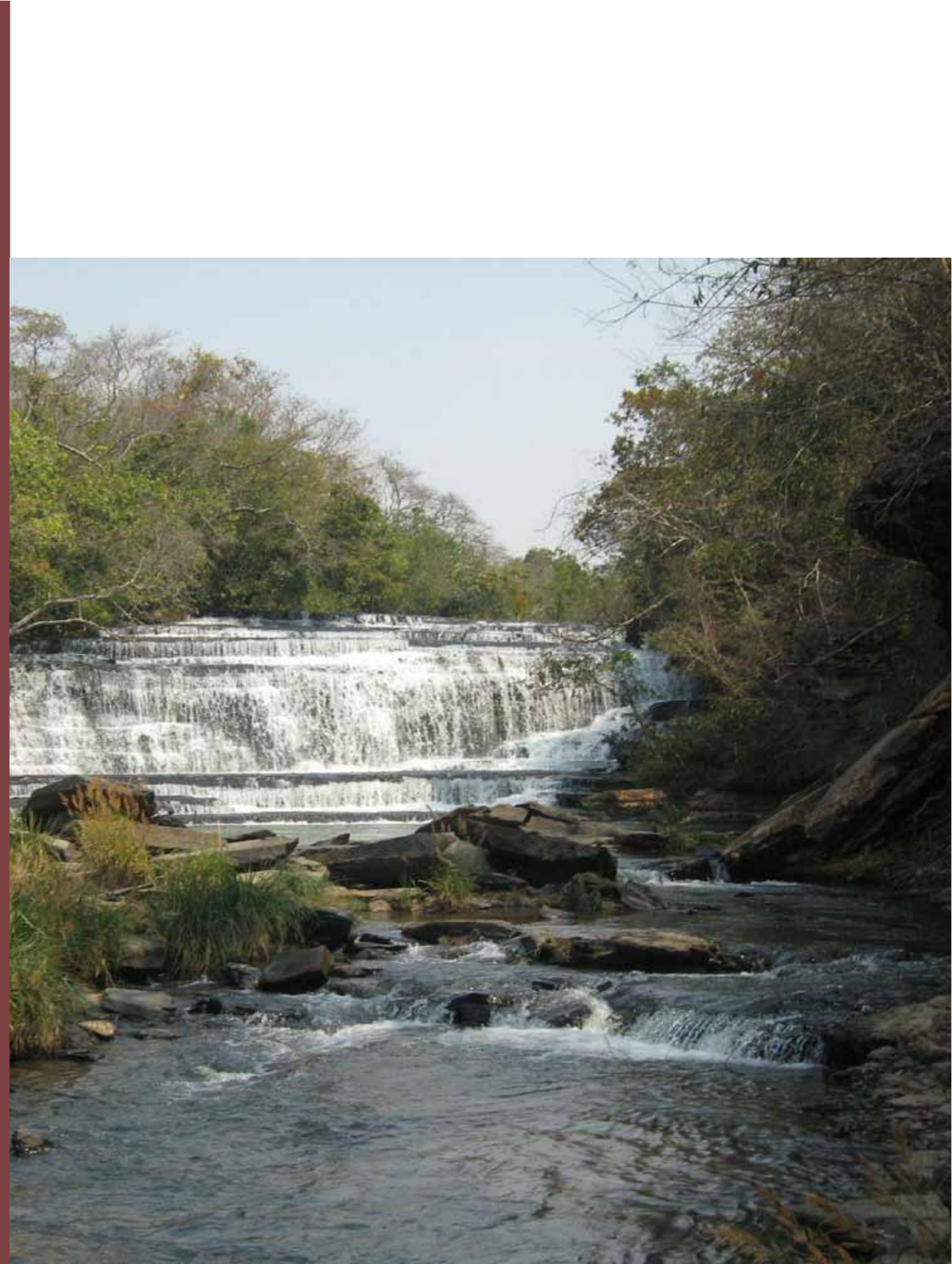
Com o escasseamento do ouro, os mineradores tinham duas opções: sair em busca de novas minas ou se voltar para a agropecuária. Dessa forma, enquanto procuravam novas minas e criavam fazendas e currais, também erguiam freguesias, vilas e capelas. Como seu desenvolvimento e povoamento ocorreu tardiamente, apenas a partir do século XIX, o Noroeste de Minas ainda é uma das mesorregiões com menor densidade populacional do estado.

17

JOÃO PINHEIRO Os primeiros sinais de ocupação da região datam do século XIX, quando ali se formou o povoado de Santana dos Alegres, nome que lhe foi atribuído devido a uma lenda, segundo a qual um boi – chamado Alegre – vagava mugindo pela localidade. Fazendeiros e garimpeiros ali se fixaram atraídos pelas pastagens e lavras minerais. O nome João Pinheiro é uma homenagem a um ex-governador mineiro. Além da criação de bovinos, outro destaque econômico de João Pinheiro é o cultivo do eucalipto.

Como atrativo natural, João Pinheiro apresenta as cachoeiras do Garimpo, localizada no Ribeirão do Garimpo, e a do Rio Bonito.

Dentre os atrativos culturais, merecem menção eventos como a Festa do Peão de Boiadeiro realizada em abril, o carnaval fora de época e a Festa da Cidade, comemorada em setembro.



18

PARACATU Em 1744, o bandeirante Felisberto Caldeira Brant revelou ao governador Gomes Freire de Andrada a descoberta de minas de ouro na região que, naquela época, já era povoada e contava com algumas edificações.

Paracatu, que nomeia tanto a cidade quanto o rio que passa por ela, em Tupi-Guarani quer dizer "Rio Bom". O município preservou bens culturais representativos do período colonial, como a Catedral Matriz de Santo Antônio, a Igreja do Rosário, a Fazenda Conceição e a casa de Afonso Arinos de Melo Franco.

A cidade conta ainda com belos atrativos naturais, como grutas, matas, trilhas e várias cachoeiras, como a Cachoeira da Prata, a Cachoeira do Desidério e a Cachoeira do Teixeira.

No âmbito cultural, é preciso destacar as significativas celebrações locais, como a Folia de Reis, a Festa de São Benedito e a Festa de Santo Antônio, padroeiro do município.





OS CAMINHOS DO CONVIVER

Desde 2000, as empresas de distribuição de energia elétrica devem aplicar, por força da lei, parte de sua receita operacional em Programas de Eficiência Energética (PEE). Os PEE têm por objetivos melhorar a eficiência de equipamentos, processos e usos finais e combater o desperdício de energia elétrica.

Durante o ano de 2010, o Instituto Bioterra executou o Conviver Interior Lote 2, um dos PEE da Cemig Distribuição. Dirigido a comunidades de baixo poder aquisitivo, o Conviver tem, entre suas estratégias, ações educativas e de substituição de equipamentos ineficientes (refrigeradores, lâmpadas e chuveiros elétricos). O objetivo principal do projeto é conscientizar as famílias quanto ao uso correto e seguro da energia elétrica e contribuir para a mudança nos hábitos de consumo. A seguir, apresentamos as atividades do Conviver Interior Lote 2, bem como a quantificação dos atendimentos realizados. O potencial de redução da potência das ações realizadas é de 13.177 kW.

Os dados apresentados neste livro não refletem a totalidade do contrato, que ainda se encontrava em execução no momento da publicação.



Palestras Educativas

Além das crianças da comunidade rural de Mocó, distante 24 km da sede do município de Berilo, outras **5.185 pessoas** participaram de pelo menos uma das **80 palestras** educativas realizadas, nas quais foram discutidas formas eficientes e seguras do uso da energia elétrica.











Visitas domiciliares

Assim como a casa do seu Joaquim, outras **48.499 residências** foram visitadas por um dos **62 Agentes Conviver**. Durante a visita, o Agente esclareceu os moradores sobre formas de economizar energia elétrica e lhes explicou os critérios para obtenção da tarifa social. O Agente também avaliou as instalações elétricas, levantou o número de lâmpadas e as condições do chuveiro e da geladeira de cada residência.













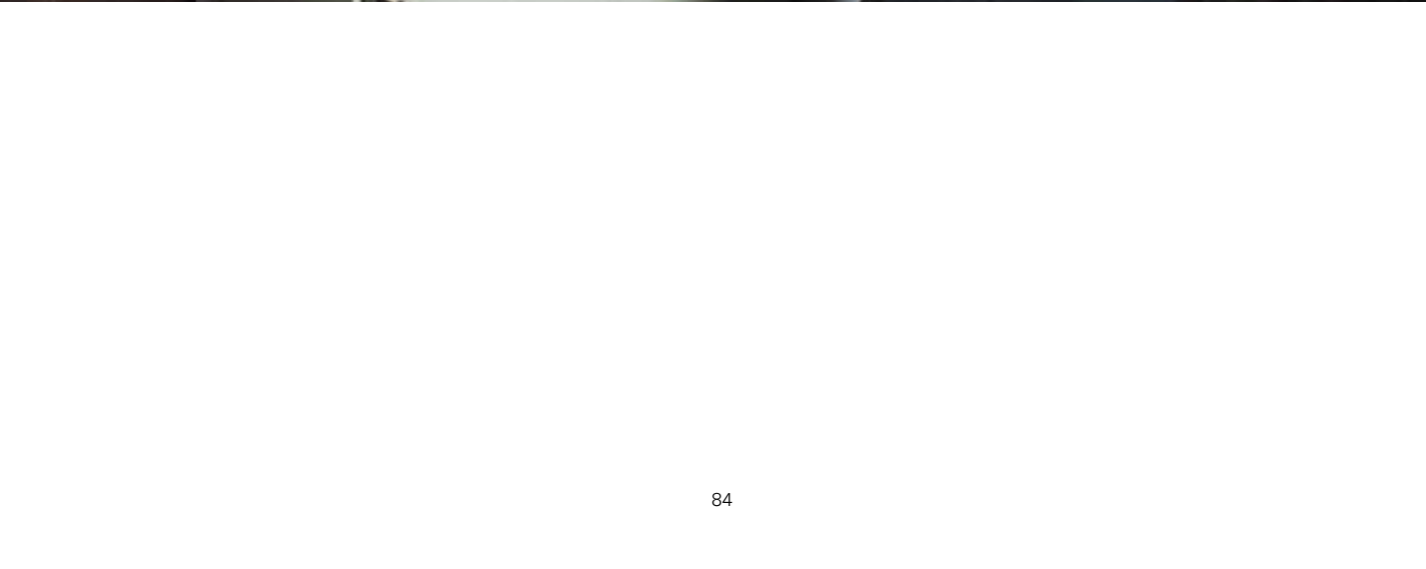




Vistoria de geladeiras

Geladeiras com mais de 40 anos de uso, uma nova cor a cada novo dono. Durepox para tampar buracos, portas sem borracha e amarradas com chibiu (corda elástica) para não cair, prateleiras internas de madeira, congeladores sem porta, fita isolante nos puxadores para evitar choque, calço no lugar dos pés. Ao todo, **4.615 geladeiras** foram vistoriadas e as que apresentavam piores condições foram seladas para substituição.











Vistoria de chuveiros

Foram vistoriados **2.249 chuveiros**. Em **1.259 residências**, nas quais o chuveiro tinha alto impacto na conta de energia elétrica, esses foram sinalizados para serem trocados posteriormente.







Troca de lâmpadas

251 mil lâmpadas incandescentes foram substituídas por lâmpadas fluorescentes. As trocas foram realizadas tanto na visita domiciliar, pelo Agente Conviver, quanto em postos de trocas instalados em locais de fácil acesso para a comunidade.







Troca de geladeiras

Diretamente na residência ou em praça pública. De carroça, carro de mão, carro de boi ou rebocada por moto. Ao todo, **3.741 geladeiras** de alto consumo de energia e sem condições de uso foram substituídas por geladeiras novas e econômicas.



















Encaminhamento da lâmpada incandescente para a reciclagem

As lâmpadas incandescentes retiradas das residências foram encaminhadas para reciclagem. Assim, em vez de o vidro e o metal de **259 mil lâmpadas** tornarem-se lixo, eles voltaram para a cadeia produtiva. Foram recicladas, ainda, **6 toneladas** do papelão que embalava as novas lâmpadas.

O total de lâmpadas recicladas se refere tanto às lâmpadas substituídas pelo Conviver quanto as lâmpadas substituídas pelo Energia do Bem.



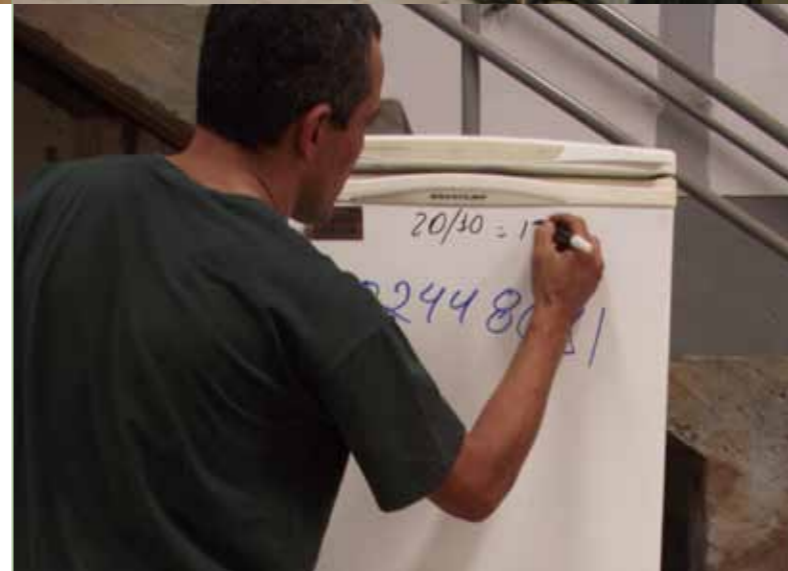


Desmanche das geladeiras

De quantas partes é feita uma geladeira? No desmanche, num primeiro momento é preciso retirar o gás CFC e enviá-lo para regeneração ou incineração, assim como o óleo do motor para o rerrefino. Só depois as partes metálicas e plásticas das **3.961 geladeiras** puderam ser encaminhadas para reciclagem.

O total de geladeiras recicladas se refere tanto às geladeiras substituídas pelo Conviver quanto as geladeiras substituídas pelo Energia do Bem.











ENERGIA DO BEM

O Programa Energia do Bem beneficiou entidades de assistência social cadastradas no SERVAS por meio da substituição de refrigeradores, lâmpadas e chuveiros elétricos por equipamentos eficientes, que proporcionam tanto economia de energia elétrica quanto maior conforto aos usuários das instituições.

O Instituto Bioterra visitou **226 instituições** do programa Energia do Bem, distribuídas em **121 municípios**, as quais apresentavam características, finalidades e públicos diversos: abrigos infantis, creches, centros de recuperação de dependentes químicos, Apaes, associações comunitárias, associações de pessoas com deficiência, escolas agrícolas, pré-escolas, associações de geração de renda para mulheres, dentre outras.

Ao todo, foram substituídas **7.567 lâmpadas** e **220 geladeiras**, e foram sinalizados **859 chuveiros** para serem posteriormente trocados. O potencial de redução da potência das ações do Energia do Bem é de **1.567 kW**.





“Tem alunos que saem de casa às quatro da manhã e chegam em casa às duas da tarde. Como aqui é uma instituição sem fins lucrativos, então tudo que a gente faz é em torno de adquirir uma renda pra manter a instituição. Por ser uma instituição filantrópica, praticamente vivemos de doações.”

Belchiorina Nilza de Azevedo Mattos, Diretora da APAE de São Gonçalo do Abaeté



“Tem alunos que chegam aqui de manhã, tomam café da manhã e saem à tardezinha. Esses alunos tomam banho na instituição. Nós temos uma piscina térmica [para fisioterapia], então, quando tem sol, é aquecida com aquecedor solar e, quando não tem, temos o aquecedor elétrico. O nosso consumo de energia é muito grande. Onde você economiza em uma conta de luz, você tem como investir em outros programas, outros projetos. Dá pra melhorar bastante a qualidade de vida da pessoa com deficiência tendo essas parcerias, como a da CEMIG.”

Elaine Maria Pereira, Diretora da APAE de Presidente Olegário

“Estávamos mesmo procurando algo que economizasse energia aqui, não só energia, como água também. Energia e água são contas que pesam no orçamento. Todas as crianças tomam banho aqui, algumas tomam mais de um banho por dia. A troca do chuveiro, com certeza, vai fazer diferença.”

Luiza Maria Valeriano Valadares, Coordenadora da Fundação Crispim Santana de Assistência ao Menor de Arinos – Creche Cantinho Feliz

“Então, uma das coisas que vai nos auxiliar bastante é que nós temos várias pessoas [moradores de rua] atendidas aqui, no final de semana, para tomar banho, o que dá um consumo alto de energia. Muitos têm dificuldade em tomar banho durante a semana, então levam mais tempo no banho. Nós temos um consumo alto justamente por isso. E esse projeto vai nos auxiliar bastante a reduzir o consumo. Temos um grande número de lâmpadas que tem um consumo grande durante a noite. E com essas lâmpadas que recebemos vamos economizar bastante.”

Antônio Belchior de Magalhães, Presidente da APAE de Varjão de Minas





“O pagamento de funcionários, como os da limpeza, é mantido através de doações de voluntários da cidade e empresários da região. O Energia do Bem tem contribuído de maneira fantástica, é muito gratificante. Diante de tantas dificuldades que estamos atravessando, os móveis e eletrodomésticos que temos já estão bastante usados e desgastados. Essa troca vai nos ajudar por bons anos, e até ampliar nossos trabalhos.”

Antônio Belchior de Magalhães, Presidente da Apae de Varjão de Minas Assistência ao Menor de Arinos – Creche Cantinho Feliz

“Atendemos atualmente 412 alunos com deficiência intelectual. Nós tivemos uma reunião da Federação das Apaes de Minas Gerais, em Belo Horizonte, com a CEMIG presente, que informou sobre o Energia do Bem. Chegando aqui em Paracatu, imediatamente cadastramos a Apae de Paracatu. Inclusive colocamos na programação do mês para os alunos. Então, todos os professores começaram a trabalhar sobre energia com os alunos, em sala de aula. Usaram várias estratégias de trabalho; alguns trouxeram a conta de luz e começaram a estudar com os alunos a leitura dessa conta. Colocamos cartazes sobre como economizar energia.”

Maria Aparecida Aguiar Adjuto, Diretora da Apae de Paracatu

FONTES DE CONSULTA

CARRARA, Angelo Alves. *Contribuição para a história agrária de Minas Gerais – séculos XVIII-XIX. Núcleo de história econômica e demográfica*. Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto, 1999. (Série Estudos - 1)

CARRARA, Angelo Alves. Antes das Minas Gerais: conquista e ocupação dos sertões mineiros. *Varia história*, Belo Horizonte, v. 23, n. 38, p.574-596, jul./dez. 2007.

CARVALHO, Daniel de. *A formação histórica das Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1956. 60 p. (Coleção Os Cadernos de Cultura).

COSTA, João Batista de Almeida. Movimento Catrumano: o Norte de Minas como berço de Minas Gerais. *Revista Verde Grande*, Montes Claros, v. 1, n. 4, p. 24-36, 2008.

COSTA, João Batista de Almeida. Identidade norte-mineira: assuntando sua especificidade regional nos estudos de Nação. *Revista Verde Grande*, Montes Claros, v. 1, n. 5, p. 29-38, 2008.

CUNHA, Alexandre Mendes. A diferenciação dos espaços: um esboço de regionalização para o território mineiro no século XVIII e algumas considerações sobre o redesenho dos espaços econômicos na virada do século. In: SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, 10, 2002, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG / Cedeplar, 2002.

JESUS, Alysson Luiz Freitas de. O sertão e sua historicidade: versões e representações para o cotidiano sertanejo – séculos XVIII e XIX. *História e Perspectivas*, Uberlândia, v. 35, p. 247-265, jul./dez. 2006.

MOURA, Andréa Michelini de; COIMBRA, Valesca Brandão Cerqueira. *Um novo olhar: conhecendo o patrimônio cultural de Aricanduva*. Belo Horizonte: Preserve, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *O Brasil Município por Município*. Disponível em: www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1. Acesso em: 8 set. 2010.

Páginas na internet

As Minas Gerais. Disponível em: www.asminasgerais.com.br. Último acesso em: jan. 2011.

Assembléia Legislativa de Minas Gerais. Disponível em: www.almg.gov.br. Último acesso em: jan. 2011.

Blog Buritizeiro. Disponível em: buritizeiro.blogs.sapo.pt. Último acesso em: jan. 2011.

Blog Jenipapo de Minas. Disponível em: jenipapodeminas.blogspot.com. Último acesso em: jan. 2011.

Blog Virgem da Mata. Disponível em: virgemdalapa.blogspot.com. Último acesso em: jan. 2011

Confederação Nacional dos Municípios. Disponível em www.cnm.org.br. Último acesso em: jan. 2011.

Descubraminas. Disponível em www.descubraminas.com.br. Último acesso em: fev. 2011.

Prefeitura Municipal de Chapada do Norte. Disponível em: www.chapadadonorte.mg.gov.br. Último acesso em: jan. 2011.

Prefeitura Municipal de Cristália. Disponível em: www.pmcristalia.com.br. Último acesso em: jan. 2011.

Prefeitura Municipal de Francisco Badaró. Disponível em: www.franciscobadaro.mg.gov.br. Último acesso em: jan. 2011.

Prefeitura Municipal de Itacambira. Disponível em: www.itacambira.mg.gov.br. Último acesso em: jan. 2011.

Prefeitura Municipal de Jenipapo de Minas. Disponível em: www.jenipapodeminas.mg.gov.br. Último acesso em: jan. 2011.

Prefeitura Municipal de João Pinheiro. Disponível em www.joaopinheiro.mg.gov.br. Último acesso em: jan. 2011.

Prefeitura Municipal de Montes Claros. Disponível em: www.montesclaros.mg.gov.br. Último acesso em: jan. 2011.

Prefeitura Municipal de Padre Carvalho. Disponível em: www.padrecarvalho.mg.gov.br. Último acesso em: jan. 2011.

Prefeitura Municipal de Paracatu. Disponível em: www.paracatu.mg.gov.br. Último acesso em: jan. 2011.

Prefeitura Municipal de Pirapora. Disponível em: www.pirapora.mg.gov.br. Último acesso em: jan. 2011.

Depoimentos Orais

Belchiorina Nilza de Azevedo Mattos. Diretora da APAE São Gonçalo do Abaeté. Concedido em agosto de 2010.

Elaine Maria Pereira. Diretora da APAE Presidente Olegário. Concedido em agosto de 2010.

Luiza Maria Valeriano Valadares. Coordenadora da Fundação Crispim Santana de Arinos. Concedido em agosto de 2010.

Adalto Antônio Araújo. Coordenador da Associação Natal Justino da Costa de Unaí. Concedido em agosto de 2010.

Terezinha Gonçalves Nunes Lucas. Diretora do Centro de Educação Maria Braga de Oliveira de São Gonçalo do Abaeté. Concedido em agosto de 2010.

Antônio Belchior de Magalhães. Presidente da APAE Varjão de Minas. Concedido em agosto de 2010.

Maria Aparecida Aguiar Adjuto. Diretora da APAE Paracatu. Concedido em agosto de 2010.

EQUIPE

Adriana Malone Alencar do Vale
Alaíde Cândido Gomes
Alex Fabiano Lopes
Alex Ferreira Cardoso
Aliny Silva Gomes
Ana Paula Silva Fulgêncio
Anne Emannelle Silva Santos
Aparecida Paula Coelho da Silva
Ariadna Freitas Silva
Ariane de Freitas Silva
Carlos Alberto Pereira Rodrigues
Carlos José Eleutério Júnior
Célio Ayres de Carvalho
Cleide Vieira Sena
Cristiano Barros dos S. Damazio
Cristiane de Almeida Braga
Dailton Alves de Souza
Daniel Pereira da Rocha
Deysi Aryadina Santos Coutinho
Divina Maria Ferreira de Jesus
Eduardo Nogueira Oliveira
Elaine Cristina Guedes Veloso
Eliana Aparecida de Oliveira
Eliane Leandra Gomes
Elizeu Barbosa Filho
Emerson Ávila de Sena
Érica Alves Botelho
Esequiel Moreira
Fabiana Siqueira Alves Martins
Flávio Cardoso Pereira

Giorgia Moreira Vanderlei Rodrigues
Gladys Troncoso Valenzuela
Gleydson Marcjo Serrano Balbino
Heloiza Helena Serrano Balbino
Hitalo Gonçalves de Resende
Iracilda de Sousa Gonçalves
Israel Magno Damásio
Ivaneide Pereira de Aquino
Ivaneide Rodrigues Ferreira
Ivanilde Alves de Queiroz
Ivanio Alves Mangueira
Jacqueline Dias Quirino
Jeovah Martins da Silva Soares
João Paulo Viana Alves
José Augusto Neves Ribeiro
José Givanildo de Araújo
José Nassau de Souza Neto
José Nilson Araújo Cota
José Wellington Ramos Costa
Josivando Soares Dantas Cruz
Josmar Aparecido Martins
Josuelson Matias da Silva
Joyce Felipe Barbosa
Juliana Cordeiro dos Santos
Juliana Nogueira Jorge
Jurciléia Lopes Cardoso
Kamila Cristina Dias Andrade
Kátia Marinho
Kleudeson Pereira Eleutério
Lays Cardoso Ramalho

Leandro de Souza Machado
Leonardo Cezar Pessoa
Leônidas Gregório de Almeida Filho
Livio Ranieri Barbosa Jardim
Luciana Leite Caetano
Luiz Carlos Diniz
Marcelo Aires Ribeiro de Carvalho
Marcelo de Carvalho da Silva
Marcelo Vieira de Carvalho
Márcio de Carvalho da Silva
Maria Aparecida Ferreira de Moura
Maria Dalva Ferreira Santos
Maria de Lourdes Mendes Gonçalves
Maria Inês Pinto Vieira
Mariana Pereira e Souza
Máriele Aparecida Pereira dos Santos
Marlene da Silva Soares
Maxwel Pereira Santos
Maxwhene Alves de Queiroz
Michele Costa Carvalho
Mônica Bara Maia
Patrícia Cristine Fialho Souza
Patrícia Leite Ferreira
Paula Fuziki Kelmer
Paulo Pereira de Melo
Poliana Gomes da Costa
Priscila Borges do Nascimento
Raphael Costa Santos

Raul Ferreira de Moura Neto
Rodrigo Otávio Ferreira Jardim
Rodrigo Pletikoszits de Ávila
Ronaldo Adriano dos Santos
Ronan Santos Pereira
Rosa Maria de Jesus
Rosana Rodrigues Alves
Rosane do Carmo da Silva Novaes
Rosilene Primo de Souza
Samuel Rodrigues Gonçalves
Sandra Maria Campos Silva
Sarah de Almeida Alves Pinto
Sérgio de Almeida Carlos
Simone Amaral Barbosa
Simone Cristina Fernandes Leite
Simone Dias Cardoso
Sueli Leite Ponciano
Suzane Grisóstomo de Jesus
Suzane Machado Ferreira
Tatiana Cristina Assis Marvejol Silva
Thácio Pedro Amaral Silva
Thais Kalianny Gonçalves Leite
Valéria Cândido de Oliveira
Valmir Carlos da Cunha
Vinícius Antônio Figueiredo Costa
Virgínia Ribeiro Alves
Walter Laércio Pereira da Silva

Realização

Instituto Bioterra

Diretoria

Célio Ayres Carvalho

Luiz Carlos Diniz

Marcelo Aires Ribeiro de Carvalho

Pesquisa e redação

Mônica Bara Maia

Rodrigo Pletikoszits de Ávila

Revisão

Maria Elisa Rodrigues Moreira

Fotos

As fotos constantes neste livro foram produzidas pela equipe relacionada nas páginas 148 e 149, durante a execução do Projeto Conviver, e pertencem ao acervo do Instituto Bioterra.

Projeto gráfico

Designlândia

Impressão

xxx

Parceiros

HG Descontaminação

Lwart Lubrificantes

MC Reciclagens

SMX Refrigeração

Este livro foi composto em Univers e impresso em off-set pela Gráfica XXXX sobre papel couché fosco, 150gr., em Belo Horizonte, MG, Brasil, em XXXXX de 2011. Foram produzidos 500 exemplares.

